

## **PRONOMES PESSOAIS *ELE* E *ELA* COMO COMPLEMENTOS VERBAIS NO *TWITTER***

**Kedyson Coutinho Alves da Silva <sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Neste trabalho, será investigado e analisado o emprego dos pronomes pessoais de 3ª pessoa, *ele/ela*, como complementos verbais. Para isso, foram realizadas a pesquisa bibliográfica, a qual elencou os conceitos necessários para o entendimento do uso desses pronomes, e a pesquisa de coleta, seleção e sistematização dos dados, os quais foram retirados de dez textos postados em uma rede social. A análise dos dados é de cunho microestrutural, ou seja, foram considerados somente os aspectos oracionais morfossintáticos com a finalidade de explicar e descrever o uso e a função dos pronomes *ele(s)/ ela(s)* no Português atual do Brasil.

**Palavras-chave:** Pronomes *ele* e *ela*. Complemento verbal. Redes sociais. Português do Brasil.

Brasília

2016

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Português/Espanhol pelo Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) em 2012. Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação em Revisão de texto: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Edineide dos Santos Silva.

## 1 INTRODUÇÃO

O que motivou este estudo foi o não reconhecimento, por parte das gramáticas normativas, do emprego dos pronomes pessoais de terceira pessoa *ele/ela* como complementos verbais. Essa construção gramatical, muitas vezes, é ignorada por puristas, os quais julgam-na uma afronta à língua portuguesa. Na maioria das vezes, professores de Língua Portuguesa e Revisores de Textos não são capacitados quanto aos conhecimentos descritivos e funcionais do nosso idioma, bem como desconhecem os estudos da Sociolinguística. Esses profissionais ainda têm uma visão de língua homogênea e consideram a variação um erro, o que é um equívoco, já que, mesmo que ocorram mudanças na estrutura da língua, essa permanece estruturada. Ou seja, não se deve conceber a mudança como uma desordem que surgiu aleatoriamente, mas compreendê-la como uma diferenciação ordenada.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo investigar e analisar o emprego dos pronomes pessoais de 3ª pessoa, *ele/ela*, como complementos verbais no Português do Brasil.

Ao estudarmos esses assuntos referentes à linguagem, podemos perceber como a língua, por ser viva, modifica-se constantemente de acordo com as necessidades do falante. Logo, a partir dessa compreensão, pode-se repensar o ensino do português nas escolas e, conseqüentemente, a forma como a sociedade brasileira concebe a língua falada e a língua escrita, as quais são usadas, constantemente, nas mais variadas situações.

Para tal análise, inicialmente, foram estudados conceitos que ajudam a entender o funcionamento da língua portuguesa como o conhecimento de gênero textual e os conceitos de léxico e gramática, língua falada e escrita e gramática normativa e descritiva. Depois dessa parte introdutória, foi explorada a definição de pronome pessoal na visão de diferentes autores e com critérios que passam pela semântica, sintaxe e morfologia. Com esses conceitos já definidos, chegamos, então, à análise dos dados obtidos com a pesquisa.

Para que este artigo pudesse ser escrito, foram consideradas dez frases postadas no *Twitter*, rede social que, de acordo com uma pesquisa realizada em julho de 2013 pela *Hitwise*, foi a quarta mais acessada pelos brasileiros. Nesse espaço

virtual, os usuários têm cento e quarenta caracteres para interagir com outras pessoas expondo ideias ou contando experiências em diferentes níveis de formalidade.

Ao término, há a análise dos dados e, conseqüentemente, a exposição dos resultados obtidos a partir da pesquisa realizada.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Antes de partirmos à análise do principal objeto de estudo deste artigo, serão abordados conceitos imprescindíveis para o entendimento de língua e, portanto, conseguir-se-á compreender de forma mais clara o uso do pronome pessoal com a função acusativa. Ou seja, com a função de objeto direto.

### **2.1 Léxico e gramática: criação e organização**

Com a globalização, novas palavras precisaram ser criadas e incorporadas ao nosso vocabulário, por exemplo, a série de vocábulos listados a seguir: computação, computacional, globalização, globalizar, xerocar, xerografar. Porém deve ficar claro que esse fenômeno de criação de palavras não é uma novidade do século, ele está presente na língua desde sempre. De acordo com Basílio (2008), o léxico pode ser definido como:

Uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção de enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados. (BASÍLIO, 2008, p. 9)

Dessa forma, possuímos as estruturas que nos permitem criar novos vocábulos, sendo, portanto, um sistema organizado, diferentemente, do que se reproduz no senso comum. Além disso, diante de tal possibilidade, podemos afirmar que o léxico é um sistema aberto e que, conforme Azeredo (2010), “formam conjuntos extensos e potencialmente ilimitados”, pois têm a função de ‘nomear o mundo’.

Todavia, veremos que, diferentemente do léxico, a gramática é um sistema fechado, que não permite criação de novas palavras, tendo elementos limitados como, por exemplo, as flexões verbais. Portanto, se conjugarmos o verbo *cantar* no presente do indicativo, não haverá a criação de outras palavras, somente flexões, como se pode perceber a seguir: *canto, cantas, canta, cantamos, cantais e cantam*.

Além disso, as construções de proposições também estão relacionadas à gramática, pois, como observa Azeredo (2010), a ordem escolhida para cada palavra e o acréscimo de elementos para produzir sentido ao texto é uma de suas características.

## **2.2 Língua falada e língua escrita**

A valorização do estudo da língua falada começou no início do século com os estudos de Mario Marroquim no livro *Língua do Nordeste*. Marcuschi, por exemplo, diferencia língua falada da língua escrita e produz obras importantes para o campo da linguagem. Por esses motivos, ao estudar a língua escrita e a língua falada, não se pode dar importância a uma em detrimento da outra. Ambas são importantes para a comunicação humana e apresentam contextos diferentes para se desenvolver. Não há como classificar que uma é formal e a outra informal, porque há situações cotidianas da linguagem em que usar-se-á a língua escrita formal ou informalmente e o mesmo se aplica à língua falada.

De acordo com Casagrande (2010, p. 726), na língua falada, o enunciado é produzido ao mesmo tempo em que os falantes interagem, surgindo, assim, marcas que o identificam como, por exemplo, a presença da repetição para reafirmar ideias já mencionadas, o uso de gestos e expressões corporais, a monitoração da fala, a espontaneidade e os marcadores (conectivos que testam se o interlocutor está entendendo o que está sendo explicado) e os turnos (prolongamento de letras) conversacionais. Segundo afirma Marcuschi (1993 apud CASAGRANDE, p. 726), “a informalidade, a repetição e a fragmentação [...] não são exclusivos da fala, mas nela se evidenciam com mais ênfase”.

Conforme Casagrande (2010, p. 726), a língua escrita apresenta a possibilidade de correção, planejamento e preparação do texto sem a possibilidade de interação com o leitor. Além disso, o texto traz regência e concordância nominal e verbal, presença da pontuação e evita as repetições presentes na fala. Isso ocorre devido ao fato do autor ter tempo para ler e modificar o que não estiver de acordo com o texto pretendido. É importante lembrar-se de que, dependendo do gênero textual, teremos produções diferentes, pois cada gênero possui características próprias.

### **2.3 Gêneros textuais**

Os gêneros textuais referem-se aos variados textos que são utilizados pelas pessoas nas diversas situações do dia a dia e caracterizam-se por apresentar estilos definidos por meio da utilização histórica, técnica, institucional e social. São exemplos de gêneros textuais: sermão, telefonema, bilhete, reportagem, horóscopo, bate-papo, notícia, entrevista, receitas, entre outros.

Marcuschi (2008, p. 154) corrobora o que foi dito acima afirmando que não existe comunicação verbal sem a utilização de, pelo menos, um gênero textual, assim como, segundo o autor, os gêneros possuem propósitos facilmente identificados que permitem a sua determinação e circulação. Por isso, deve ficar claro que, apesar de serem compostos pela forma, pela função, pelo estilo e pelo conteúdo, é a função de um gênero que o determina. Entretanto, cabe ressaltar que, segundo Marcuschi (2008, p. 158), os gêneros são dinâmicos e não seguem uma forma rígida, imutável, visto que vão variar de acordo com a cultura e a necessidade social.

Marcuschi (2008, p. 198) defende ainda que, com a evolução tecnológica, novos gêneros textuais podem surgir a todo momento, mas, apesar de inovadores, esses textos não são completamente novos, pois precisam apoiar-se em um outro gênero já conhecido para sua criação. Não se deve esquecer de que os gêneros textuais, tanto os mais antigos quanto os atuais, são usados em situações e em práticas sociocomunicativas específicas. Dessa forma, pode-se afirmar que os gêneros têm uma função social, já que se referem ao comportamento humano. Com isso, torna-se necessária a investigação dos textos produzidos também nas redes sociais, como é o caso dos que serão analisados neste estudo. Biasi Rodrigues (2012, p.730) afirma que um texto não tem como ser interpretado apenas por meio de elementos linguísticos e que é necessário observar o contexto em que ele se realiza. Logo, o conhecimento de gênero, por ser mais amplo, segundo a autora, é essencial para quem trabalha diariamente com diferentes textos.

### **2.4 Gramática descritiva e gramática normativa: o real e o pretendido**

Conforme Bechara (2009, p. 52), quanto ao termo gramática, entendemos por dois tipos: a descritiva e a normativa, pois cada uma possui finalidades diferentes. A

primeira, tem destinação científica, pretende registrar e descrever uma língua em todos seus aspectos, sem ter por objetivo classificar as construções observadas como certas ou erradas. Essa gramática analisa também as classes gramaticais, porém com outro ponto de vista, porque observa a oração e o comportamento de seus elementos, sem ditar somente conceitos que, às vezes, são confusos e tendem à não aquisição do conteúdo pelos alunos.

A segunda, por sua vez, tem cunho pedagógico e pretende levar um modelo que seja aprendido e usado em situações específicas do 'convívio social'. Além disso, ela pretende, com tais regras, que os falantes de uma língua a escrevam e a falem conforme está previsto nesses livros. Lembrando-nos de que os exemplos expostos nelas são trazidos de escritores reconhecidos pela crítica, de gramáticos e de dicionaristas tradicionais.

## **2.5 Pronome pessoal: três critérios e três gramáticas**

Tradicionalmente, as classes de palavras são definidas pelo critério semântico, pois, segundo Basílio (2008, p. 22), nas gramáticas escolares prevalece a herança filosófica da gramática tradicional. Contudo, sabe-se que existem três critérios possíveis e que cada um, segundo sua linha de estudo, definirá as classes de forma diferentes. Ainda, conforme Basílio (2008, p. 21), um único critério é insuficiente para definir uma determinada classe gramatical, por isso propõe-se a classificação simultaneamente em três critérios: semântico, sintático e morfológico.

Para classificar os pronomes pessoais, que são o objeto de estudo deste artigo, consultamos três gramáticas normativas – Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009), e Azeredo (2010), – e nelas buscamos os três critérios propostos por Basílio (2008). Além disso, deve-se lembrar de que, por se tratar de gramáticas normativas, o conteúdo abordado nelas reflete um padrão no qual se classifica as sentenças como certo ou errado, afastando-se, portanto, da visão sociolinguista, a qual foi proposta por Labov (1972).

### **2.5.1 Pronomes pessoais - Bechara (2009)**

De acordo com Bechara (2009, p. 162), semanticamente:

Os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (o apontar para), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores

[...] ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto. (BECHARA, 2009, p. 162)

O pronome, como exposto acima, retoma um nome já expresso no contexto, de forma a evitar repetições e, portanto, faz a esse vocábulo referência. Mesmo com tal função, o pronome não nomeia seres ou objetos, somente terá a função dêitica. Ou seja, apenas remetendo ou referindo-se a algo já mencionado no texto.

Segundo Bechara (2009), sintaticamente, o pronome pessoal reto pode funcionar como sujeito ou predicativo da oração. Observe abaixo os exemplos retirados da própria gramática.

a) **Eu** não sou **ele**.

b) **Eu** o vi.

Nos dois casos, o pronome pessoal reto *eu* aparece como sujeito das orações e, no primeiro caso, o pronome *ele* exerce a função de predicativo, na posição de complemento do verbo *ser – sou ele*.

Todavia, Bechara (2009, p. 175) cita uma exceção quanto ao uso do pronome *ele* como objeto direto: “o pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (com valor de adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso”. Para exemplificar o que foi supracitado, o gramático nos apresenta três exemplos. Vejamos:

a) “Olha ele”. [EQ apud SS]

b) “Subiu! – e viu com seus olhos/ Ela a rir-se que dançava.” [GD apud SS]

c) “No latim eram quatro pronomes demonstrativos. Todos eles conserva o português”. [PL. 1, 398]

Os exemplos confirmam a explicação do autor, portanto, em todos os casos, o pronome pessoal *ele* aparece como objeto. Mas será que se restringem aos três exemplos na língua falada e na escrita do português atualmente? No próximo capítulo, na análise dos dados, essa questão será melhor exemplificada.

Ainda, no campo sintático, Bechara (2009) afirma que os pronomes oblíquos funcionam como objeto da oração, realçando que os tônicos serão sempre precedidos de preposição, o que não acontece com os átonos. A seguir, pode-se ver um quadro com os pronomes pessoais retos e oblíquos segundo Bechara (2009, p. 164)

**Quadro 1** – Pronomes pessoais retos e pronomes oblíquos de acordo com Bechara (2009)

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			Átonos (sem preposição)	Tônicos (com preposição)
Singular	1ª pessoa	eu	me	Mim
	2ª pessoa	tu	te	Ti
	3ª pessoa	ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós
	2ª pessoa	vós	vos	vós
	3ª pessoa	eles, elas	lhes, os, as, se	eles, elas, si

Fonte: Produzido pelo autor

### 2.5.2 Pronomes pessoais - Cunha e Cintra (2008)

Voltando o estudo para a semântica, de acordo com Cunha e Cintra, os pronomes pessoais representam três pessoas no discurso. A primeira pessoa indicada é *quem fala* (eu, nós), a segunda é com quem se fala (tu, vós) e a terceira de quem se fala (ele, ela, eles, elas). Além disso, apresentam função dêitica, pois, na 3ª pessoa, retomam uma ideia já mencionada anteriormente.

Sintaticamente, como afirmam Cunha e Cintra (2008, p. 291-302), os pronomes pessoais retos ocupam a função de sujeito da oração, de predicativo do sujeito e, ainda, a 2ª pessoa do singular ou do plural pode ter a função de vocativo. Abaixo serão citados exemplos presentes nessa gramática.

a) **Nós** vamos em busca da luz. (Agostinho Neto, SE, 36)

b) Meu Deus! Quando serei **tu**? (J.Reis, ED, 157)

c) Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento  
Do campo, conversais a sós, quando anoitece... (O. Bilac, p.158)



Na primeira sentença (a), há o pronome *nós* com a função de sujeito; na segunda oração (b), o pronome *tu* é predicativo do sujeito e, na terceira oração (c), o pronome *vós* é vocativo. Todos dentro da norma recomendada pelos autores.

Todavia, Cunha e Cintra (2008, p. 302) chamam a atenção para o uso dos pronomes *ele(s)*, *ela(s)* que estão presentes na “fala vulgar e familiar do Brasil”. Acrescentam, ainda, que essa construção estava presente em textos de escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, porém ressaltam que atualmente “deve ser [...] evitada”.

Os pronomes oblíquos, ainda segundo os autores citados, funcionaram como objeto direto ou indireto, dependendo da tonicidade, que pode ser classificada em tônica e átona. Veja o Quadro 2:

**Quadro 2** – Pronomes pessoais retos e pronomes oblíquos de acordo com Cunha e Cintra (2008)

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			Átonos (sem preposição)	Tônicos (com preposição)
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	Nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	Vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	lhes, os, as, se	eles, elas, si, consigo

Fonte: Produzido pelo autor

### 2.5.3 Pronomes pessoais - Azeredo (2010)

Azeredo (2010) segue os mesmos conceitos adotados por Bechara e por Cunha e Cintra para classificar os pronomes pessoais. Contudo, ao tratar da colocação pronominal dos oblíquos átonos, traz uma visão sociocomunicativa do uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* na função de objeto direto no lugar das formas que são aceitas pela gramática normativa.

Nos registros mais informais, porém, como a conversação descontraída de pessoas íntimas, mesmo os falantes mais escolarizados tendem a substituir as formas oblíquas átonas *o/a/os/as* por *ele, eles, ela, elas*, quando relativas à pessoa de quem se fala. (AZEREDO, 2010, p. 259)

Dos três autores analisados, Azeredo foi o que melhor reconheceu o uso dos pronomes retos *ele/ela* em substituição aos oblíquos *o/a*, pois reconheceu que o uso ocorre em situações diversas e inclusive entre os escolarizados.

Além disso, como já foi dito acima, os conceitos sintáticos e semânticos desse autor são semelhantes aos dos outros analisados neste artigo, ou seja, concebe que os pronomes oblíquos exercem a função de objeto direto ou indireto e que os pronomes pessoais retos podem ser sujeito ou predicativo.

### **3 ANÁLISE DE DADOS**

Nesta seção, analisar-se-á as frases retiradas do *Twitter*. Esse espaço virtual permite ao usuário escrever pensamentos e fatos cotidianos em até cento e quarenta caracteres, exigindo, dessa forma, que o internauta seja conciso e consiga transmitir sua mensagem de forma objetiva. Além do texto, também é permitida a publicação de fotos e vídeos.

Os dez textos presentes neste artigo foram encontrados por meio do sistema de busca da própria rede social. Para a análise, não serão consideradas as variantes sociais propostas por Labov, pois, no ambiente virtual, a confirmação dos dados se torna praticamente inviável, não tendo como saber com exatidão o sexo, a idade, a classe social e o nível de escolaridade das pessoas que escreveram as proposições.

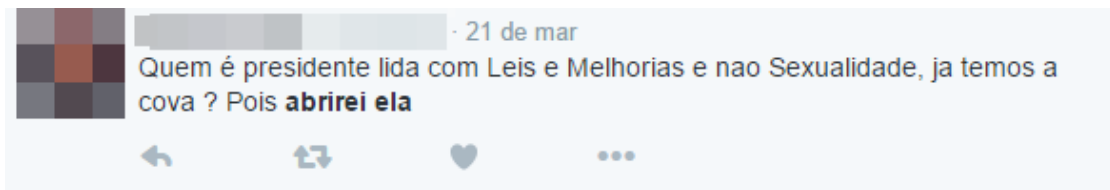
Sabe-se que tais construções vieram de diferentes partes do Brasil, de pessoas de diferentes idades e de que o número mensagens com um pronome lexical (pronome pessoal na função de objeto direto) é considerável para estudarmos o uso.

Para o estudo a seguir, foram considerados somente casos em que o pronome pessoal exerce a função de objeto direto, ou seja, casos em que aparece o pronome lexical. Para análise, neste artigo, considerar-se-ão os aspectos morfossintáticos a seguir: a) o tipo de oração – absoluta, coordenada e subordinada; b) tempo verbal – presente do indicativo, pretérito perfeito e futuro do presente c) as conjugações – 1ª conjugação (-ar), 2ª conjugação (-er) e 3ª conjugação (-ir); d) tempo simples ou locução verbal.

A seguir, estão as dez frases que foram analisadas para a formulação dos resultados. Cada uma vem com o seu referente destacado abaixo e com o verbo e o pronome lexical em negrito.

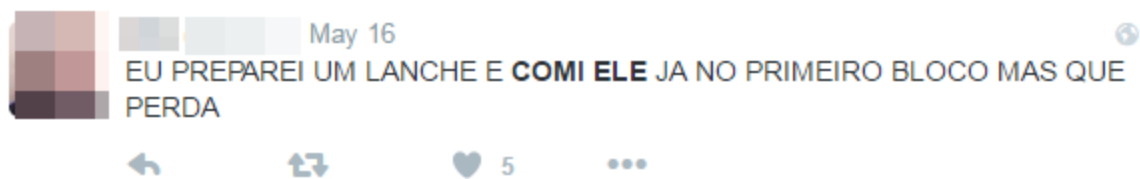
### 3. 1 Pronome pessoal representado pelas formas: ele, ela na função de objeto direto.

(a)



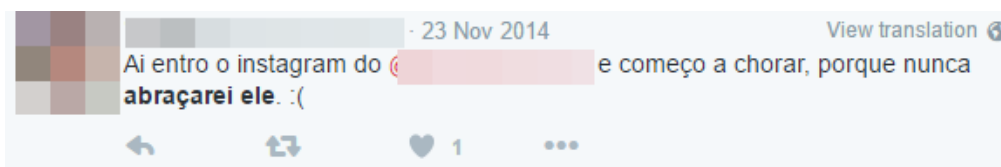
Referente: cova.

(b)



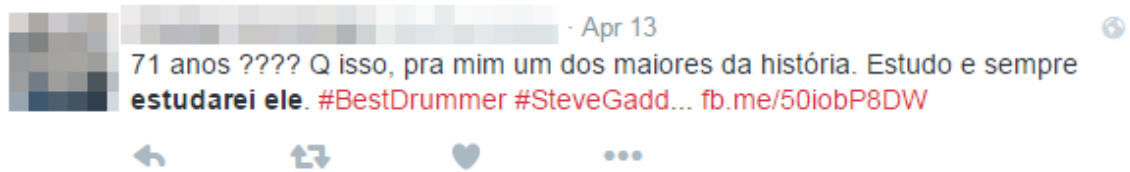
Referente: lanche.

(c)



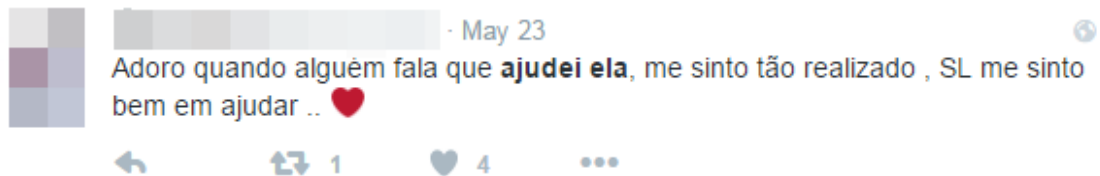
Referente: um usuário da rede social.

(d)



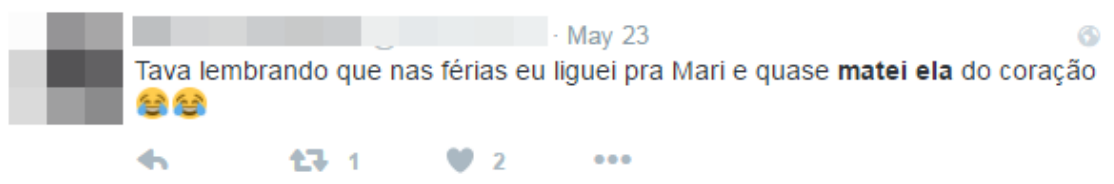
Referente: Steve Gadd.

(e)



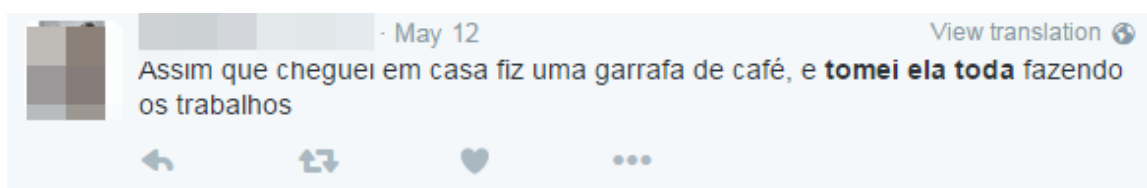
Referente: a pessoa ajudada pelo usuário.

(f)



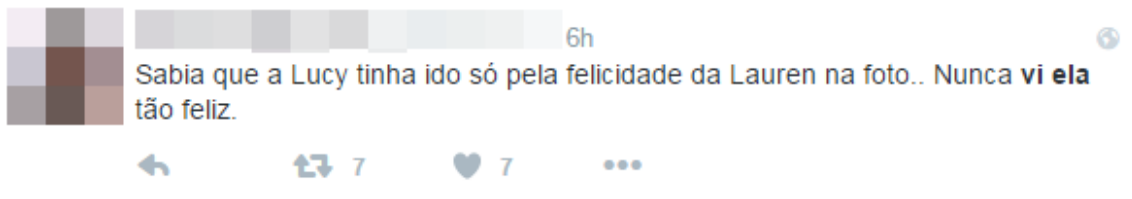
Referente: Mari.

(g)



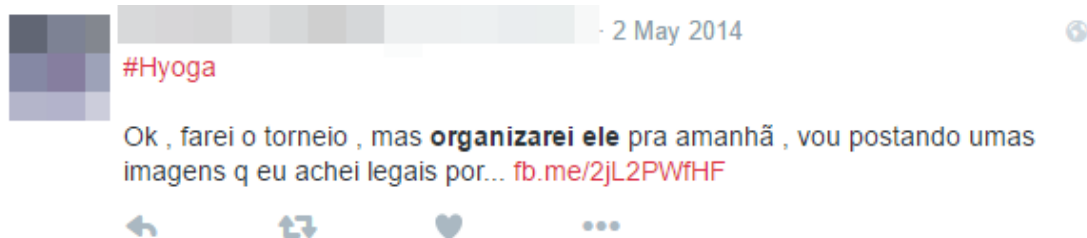
Referente: garrafa de café.

(h)



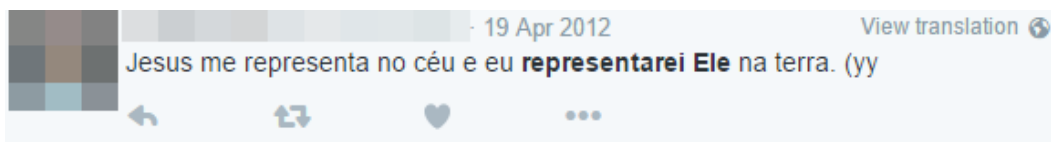
Referente: Lauren.

(i)



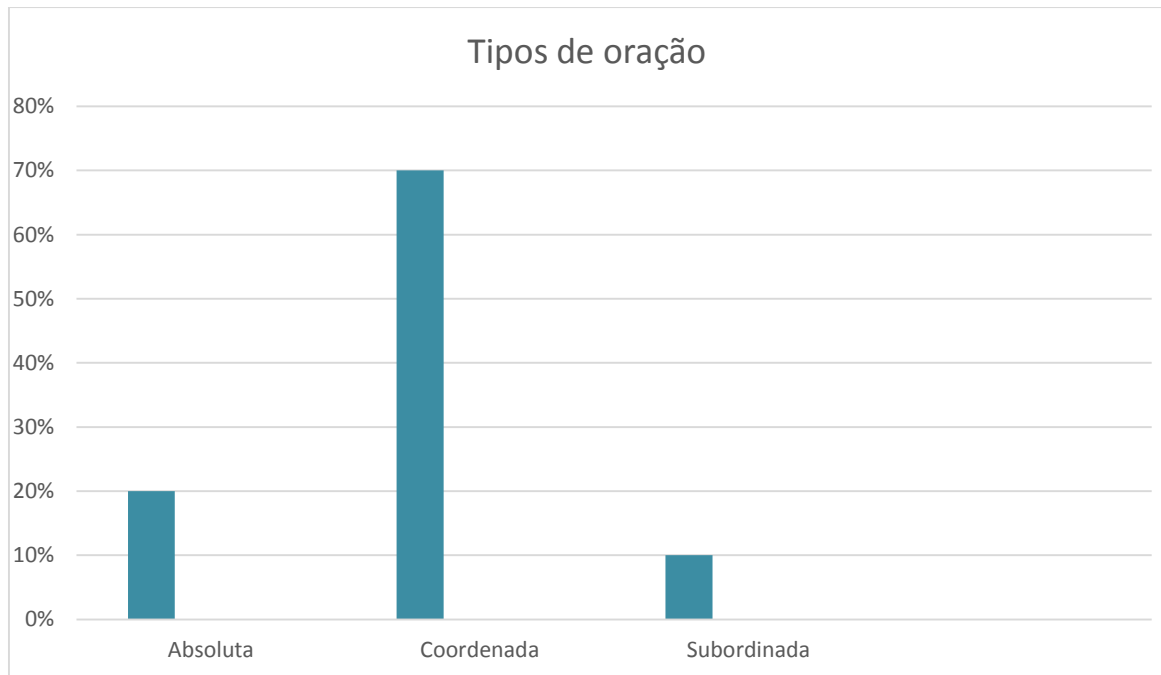
Referente: torneio.

(j)



Referente: Jesus.

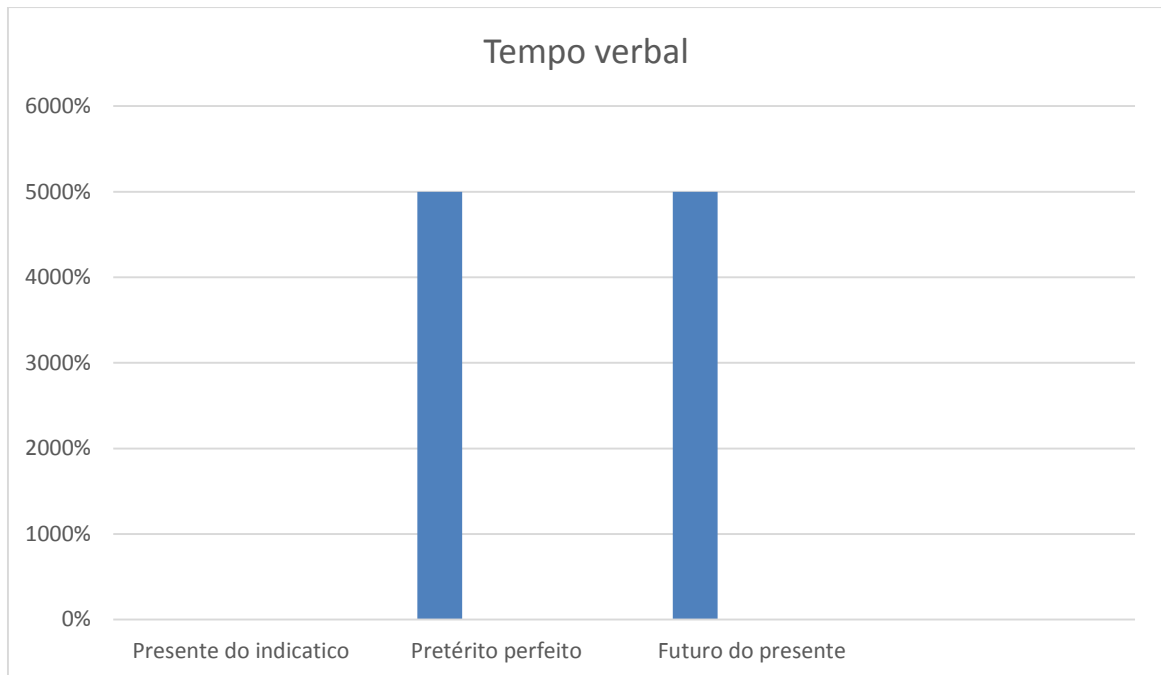
Com base nessas frases, algumas análises podem ajudar a compreender o uso do pronome *ele*, *ela* como acusativo de 3ª pessoa. O primeiro dado analisado foi a incidência desses casos em orações absolutas, orações coordenadas e orações subordinadas. Levando em consideração que o *corpus* analisado era composto por dez sentenças, chega-se à conclusão de que o uso desse pronome em tal função ocorre principalmente em orações coordenadas, as quais totalizaram 70% dos casos, tendo pouca ocorrência em orações absolutas (20%) e em orações subordinadas (10%). A seguir, o gráfico 1 apresenta os dados.

**Gráfico 1:** Tipos de orações

Fonte: Produzido pelo autor

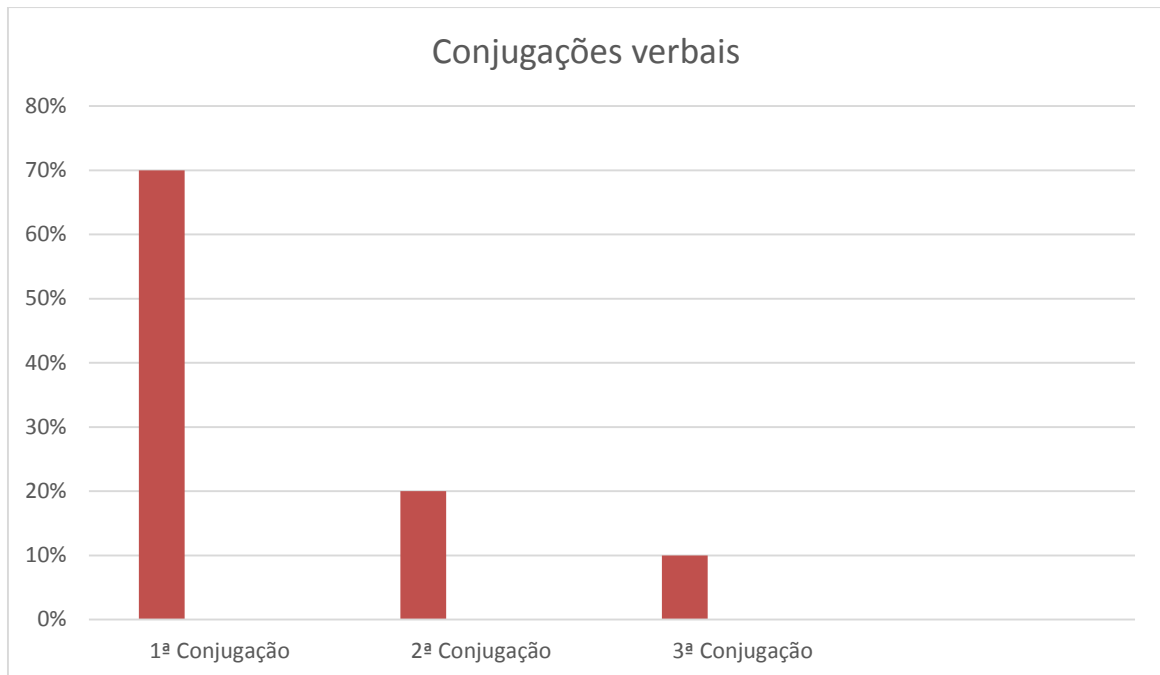
Além de analisar o tipo de oração a que se relacionam os casos estudados, verifica-se em que tempo se encontra o verbo que acompanha o pronome *ele*, *ela*. O resultado encontrado mostrou-se bastante equilibrado, pois tanto o pretérito perfeito quanto o futuro do presente apresentaram cinco ocorrências. Por se tratar de uma rede social em que as pessoas contam o que aconteceu em suas vidas, há a possibilidade do meio ter influenciado os resultados. Entretanto, o mesmo foi observado na pesquisa realizada por Gomes e Gonçalves (2007), em que a ocorrência do pretérito perfeito foi maior nos casos em que se observou o uso de pronome lexical.

Não foi encontrada nenhuma oração com o verbo no presente do indicativo ou em outros tempos, o que não corrobora a inexistência de casos, mas que o número limitado de sentenças influenciou no resultado. A seguir, o gráfico 2 traz, em porcentagem, com o resultado encontrado.

**Gráfico 2:** Tempo verbal

Fonte: Produzido pelo autor

Quanto às conjugações verbais, observou-se a predominância, com 7 ocorrências, da 1ª conjugação, ou seja dos verbos que têm a terminação em –AR. Já os verbos da 2ª conjugação e da 3ª conjugação apresentaram 2 casos e 1 caso, respectivamente. A seguir, o gráfico 3 é apresentado.

**Gráfico 3:** Conjugações verbais

Fonte: Produzido pelo autor

O último dado analisado foi a incidência de casos com verbos em tempo simples ou em locuções adjetivas. Porém todas as sentenças apresentaram o verbo em um tempo simples. Na pesquisa de Gomes e Gonçalves, em 28% dos casos, houve a presença das locuções e 20% das sentenças apresentavam o pronome lexical em tempo simples.

Antes de encerrar a análise, é importante lembrar o que foi dito nas gramáticas normativas de Bechara, de Cunha e Cintra e de Azeredo. Na primeira, o autor afirma que os pronomes *ele/ela* só aparecem como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática. O segundo reconhece o uso dos pronomes lexicais no ambiente familiar e na fala vulgar do brasileiro. O terceiro é o único que reconhece o uso dos pronomes lexicais na função acusativa, não apenas no contexto familiar, mas até com os mais escolarizados. Entretanto, de acordo com os exemplos analisados, pode-se verificar que os pronomes *ele/ela* funcionam como objeto direto no português do Brasil, na escrita, em diferentes contextos, os quais as gramáticas normativas tradicionais pesquisadas, com exceção de Azeredo, desconsideram-nos.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste artigo, pode-se constatar a presença do pronome pessoal *ele*, *ela*, também conhecido como pronome lexical, na função de objeto direto no português do Brasil por meio da análise de dez frases postadas no *Twitter*.

Verifica-se também que a gramática normativa não aborda o uso da maneira devida, pois restringe-o ao ambiente familiar e a contextos de informalidade da fala, mas, como foi visto, o uso está presente em diversos contextos, formais ou informais e escritos ou falados, necessitando, dessa forma, de uma reformulação.

Além disso, é importante que os professores de Língua Portuguesa e os Revisores de Textos tenham conhecimento desse uso crescente em diferentes modalidades para que não reforcem o preconceito linguístico, o qual se manifesta com a reprovação da fala ou da escrita de brasileiros de diferentes idades nos contextos mais variados de uso da língua. Espera-se que esses profissionais incorporem em suas práticas o conhecimento de gênero textual e que analisem cada fenômeno da língua como uma variação, uma diferenciação organizada, não como um erro, uma desordem. Agindo, assim, tanto professores quanto revisores terão a visão completa da língua portuguesa em funcionamento, sem rótulos e nomenclaturas, já que as especificidades do gênero textual e o fenômeno analisado serão levados em consideração.

#### RESUMEN

En este trabajo, será investigado y analizado el uso de los pronombres personales de tercera persona, *ele/ela*, como complementos verbales. Para esto, fueron realizadas pesquisas, que se enumeran los conceptos necesarios para comprender el uso de estos pronombres y colección de investigación, selección y sistematización de datos, que fueron retirados de diez textos publicados en una red social. El análisis de datos es de la naturaleza microestructural, o seja se consideraron solamente los aspectos oracionales morfosintácticos con el fin de explicar y describir el uso y función de los pronombres *ele(s) / ela (s)* en el portugués actual en Brasil.

Palabras clave: pronombres *Ele e Ela*. Complemento verbal. Redes sociales. Portugués en Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jeferson da Silva. O objeto direto anafórico: uma análise na língua falada popular de jovens soteropolitanos. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v. 5, n.11, 2009.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. **O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões**. Disponível em: <  
<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/28.pdf> >  
 Acesso em: 22 jul. 2016.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 44. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CASAGRANDE, Fernanda Couto Guimarães. **Língua falada e língua escrita: uma proposta didática para as aulas de língua portuguesa**. Disponível em: <  
[http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/lingua\\_falada\\_e\\_lingua\\_escrita\\_uma\\_proposta\\_didatica\\_para\\_as\\_aulas\\_de\\_lingua\\_portuguesa.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/lingua_falada_e_lingua_escrita_uma_proposta_didatica_para_as_aulas_de_lingua_portuguesa.pdf) > Acesso em: 22 jul. 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FAGUNDES, Edson Domingos. **Os clíticos, pronomes lexicais e objetos nulos nas três capitais do Sul**. Disponível em: <<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/edson4.htm>>  
 Acesso em: 21 jun. 2016.

GOMES, Isabel dos Santos Magalhães; GONÇALVES, Elisângela. **O emprego do pronome lexical como objeto direto**, 2007. Disponível em: <

<http://periodicos.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/view/1314>>

Acesso em: 22 jul. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.**

São Paulo: Parábola Editorial, 2008